

AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E O(S) FASCISMO(S) DAS DÉCADAS DE 1930 A 1970 EM *SOSTIENE PEREIRA* DE ANTONIO TABUCCHI¹

THE INTERGENERATIONAL RELATIONS AND THE FASCISM(S) FROM THE 1930S TO 1970S IN SOSTIENE PEREIRA BY ANTONIO TABUCCHI

Natália Carvalho Winck²

RESUMO: Neste artigo, serão analisadas as relações intergeracionais exercidas entre os personagens do romance *Sostiene Pereira* no contexto ditatorial do ano de 1938 em Portugal. O objetivo principal deste texto é observar como o comportamento e posicionamento político-social do protagonista da obra se altera após o estreitamento de suas relações pessoais com indivíduos não pertencentes à sua geração. **Palavras-chave:** Literatura italiana. Relações intergeracionais. Fascismo.

ABSTRACT: In this article, the intergenerational relationships exercised between the characters of the novel *Sostiene Pereira* during the dictatorial context of 1938 in Portugal will be analyzed. The main objective of this text is to observe how the behavior and social-political positioning of the novel's protagonist changes after the strengthening of his personal relations with individuals who do not belong to his generation.

Keywords: Italian literature. Intergenerational relationships. fascism.

1. INTRODUÇÃO

Durante a leitura do romance *Sostiene Pereira*, do professor e escritor italiano Antonio Tabucchi, a autora do presente artigo não pôde deixar de notar a preferência de seu narrador extradiegético pelas relações estabelecidas entre um protagonista de meia idade e personagens com cerca de vinte anos a menos que ele, de modo que tais relações acabaram por serem escolhidas como principal objeto de análise para este trabalho.

O objetivo da autora foi, portanto, analisar como, ao longo da narrativa, Pereira passou por um processo de mudança política e social após entrar em contato com Rossi, Marta e doutor Cardoso, indivíduos não pertencentes à sua geração. Tendo sido a obra publicada em 1994, foi de extrema importância buscar compreender, primeiramente, o porquê de sua ambientação em Portugal durante o ano de 1938.

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa realizada pela graduada Natália Carvalho Winck durante as disciplinas Prática de Pesquisa em Educação I e Prática de Pesquisa em Educação II (realizadas sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Ernani Fritoli) do curso de Licenciatura em Letras Português Italiano, a qual foi apresentada como trabalho de conclusão de curso de graduação no dia 6 de julho de 2023 na Universidade Federal do Paraná.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Em seguida, fez-se necessária a análise de alguns personagens em específico: Pereira, Rossi, Marta, doutor Cardoso, o diretor do Lisboa e alguns outros nomes foram mencionados e categorizados em grupos de acordo com seu posicionamento político e social. Antes de analisar os pontos de contato entre os personagens, era preciso observar como se encaixavam na obra e quais seriam suas motivações pessoais.

Além disso, não podíamos deixar de detalhar o contexto histórico do Portugal salazarista, já que o regime ditatorial que se manteve durante mais de quarenta anos no poder permeou de maneira integral o romance em questão. Somente após tal explanação, fomos capazes de nos determos especialmente sobre as relações estabelecidas na obra entre personagens de diferentes gerações, especialmente entre a geração de Pereira e aquela de Rossi, Marta e doutor Cardoso, indivíduos responsáveis pela transformação do protagonista em indivíduo socialmente ativo e revolucionário.

Por fim, o estudo dos conceitos de romance de formação e de relações intergeracionais foram essenciais para o aprofundamento teórico de nossa análise literária. Fazendo uso dos termos específicos de tais áreas, conseguimos, por fim, demonstrar como todos os aspectos previamente mencionados se relacionam no texto em questão.

Gostaríamos de ressaltar que acreditamos ser este um momento oportuno para uma retomada dos estudos de *Sostiene Pereira*, já que vivemos em um contexto de extremos, assim como aquele vivido em 1938, com um ex-presidente recentemente declarado inelegível pelo TSE, uma guerra em andamento na Ucrânia e um conflito em Gaza. Além disso, uma análise intergeracional desta obra ainda não foi apresentada por nenhum outro pesquisador, sendo o nosso trabalho pioneiro na área.

Apresentamos como principais resultados desta pesquisa a confirmação de que *Sostiene Pereira* é um romance de formação às avessas e a convicção de que nosso protagonista passa por um processo de mudança radical graças às relações intergeracionais estabelecidas entre ele, Rossi, Marta e doutor Cardoso ao longo da narrativa.

2. ANÁLISE DO ROMANCE *SOSTIENE PEREIRA*

Sostiene Pereira foi publicado em 1994 por Antonio Tabucchi e, como indicado pelo título, possui como protagonista Pereira, um jornalista português de meia idade. Há muito a ser dito sobre este romance e seu autor, de modo que podemos começar fazendo uso das palavras de sua tradutora brasileira, a professora Roberta Barni:

Tabucchi foi professor de literatura portuguesa e brasileira na Itália, tradutor de diversos autores – entre os quais Carlos Drummond de Andrade – e escritor de sucesso e de fama internacional. (Barni, 2022, n.p.)

Não nos deve causar estranhamento que seu romance seja ambientado em Portugal, já que Tabucchi “[c]hegou inclusive a escrever um livro inteiro em português (Réquiem)”

(Barni). A narrativa se encontra temporalmente situada no mês de agosto de 1938 e nosso protagonista é um jornalista de meia idade, viúvo e sem filhos, que mora na cidade de Lisboa. Logo descobrimos que possui o hábito de conversar com o retrato de sua esposa na entrada de seu apartamento e que é, claramente, um homem solitário.

Conhecemos cerca de cinco pessoas com as quais tem contato: Don António, padre franciscano da Igreja das Mercês, seu confessor e amigo; o diretor do Lisboa, jornal para o qual trabalha, homem que apoia o regime; Silva, amigo intelectual de longa data, que descobrimos ser indiferente à situação política que vivenciam; Manuel, garçom do Café Orquídea, espécie de informante de Pereira sobre as notícias diárias; e doutor Costa, seu médico de confiança.

Embora seja ambientada no Portugal salazarista, a obra foi publicada em 1994, momento de retomada da extrema direita na Europa, após anos de rejeição.

Talvez em virtude do estrondoso sucesso de público (o livro encabeçou durante quarenta semanas a lista dos mais vendidos), houve quem o acusasse de um “timing oportunista”, já que, naquele mesmo período, a Europa vivia, após anos, seu primeiro “refluxo” de direita. (Pouco depois, aliás, Berlusconi venceria as eleições italianas). (Barni, 2022, n.p.)

Oportunista ou não, tal *timing* ressalta a ciclicidade histórica e a importância de artes como a literatura, que se propõem a fazer da história e das vivências individuais uma experiência de identificação e de reflexão sobre a condição humana.

Quanto ao subtítulo da obra, Barni ressalta:

Ao longo do romance, cujo subtítulo é “um testemunho”, vamos conhecendo o protagonista por meio do relato de um narrador não melhor especificado, cujo bordão “afirma Pereira” permeia toda a narrativa. Que testemunho será esse? A quem é transmitido? É um simples relato a um amigo, um testemunho diante da polícia, de um juiz? Não sabemos. Nem saberemos. (Barni, 2022, n.p.)

Mas por que estaria Pereira testemunhando? Nosso protagonista, apesar de idoso e acomodado, conhece três novas pessoas ao longo da narrativa, que farão com que comece a se rebelar contra o sistema em que vive. São esses: Francesco Monteiro Rossi, um jovem italiano revolucionário; Marta, namorada de Monteiro Rossi; e doutor Cardoso, médico de uma clínica de talassoterapia da cidade de Parede.

Esses três personagens são de extrema importância para a narrativa, pois fazem com que nosso protagonista entre em contato com seu novo “eu hegemônico” (Tabucchi, 1997, p. 123), como diria o doutor Cardoso, ou seja, com este seu lado que está insatisfeito com a situação política na qual se encontra seu país. Podemos, portanto, notar como este não é um romance qualquer. A tradutora Roberta Barni o caracteriza da seguinte maneira:

Como num romance de formação às avessas (uma vez que, como dissemos, ele é velho, gordo, indolente e desinteressado), toma aquela coragem para resistir que se

mostra tão positiva, uma mudança que o conduz da morte à vida, da pasmaceira à vitalidade, do silêncio e da estranheza total a um papel ativo, na vida e na sociedade. (Barni, 2022, n.p.)

Alguns outros personagens surgem ao longo da narrativa: uma senhora com perna de madeira que aparece brevemente no capítulo 10, que descobrimos ser uma judia alemã, de origem portuguesa, chamada Ingeborb Delgado; Bruno Rossi, primo espanhol de Monteiro Rossi, que faz parte da resistência contra o regime fascista de Franco; Celeste, porteira do escritório de Pereira, que é uma informante do regime português; Piedade, empregada de Pereira, que está visitando sua irmã em outra cidade e que, portanto, vem apenas mencionada na obra algumas vezes; e Filipa, secretária do diretor do Lisboa, que intercepta o contato entre ele e Pereira.

Por meio destes personagens, Tabucchi constrói alguns tipos sociais da época. Nosso protagonista Pereira é a maior exceção, já que é um personagem muito bem caracterizado ao longo da narrativa. Temos dois principais grupos de pessoas na obra: aqueles que apoiam (ou são indiferentes) ao regime e aqueles que não o apoiam. No primeiro grupo, encontramos personagens como o diretor do Lisboa, Silva e Celeste. O diretor ocupa uma posição privilegiada na sociedade da época, pois coordena um meio de comunicação: o jornal. Sendo assim, podemos suspeitar que faça uso dele para a manutenção do regime. Pereira é responsável pela seção cultural do jornal, de modo que não sabemos como se posicionam os demais jornalistas do Lisboa, responsáveis pelas notícias de cunho político. Entretanto, quando nosso protagonista passa a se rebelar nas suas escolhas de publicação, o diretor rapidamente o incentiva a apreciar mais a literatura portuguesa e a publicar textos que se alinhem com seus ideais.

Silva, por outro lado, é um estudioso que não possui grande importância pública à sociedade da época. Durante o encontro deste personagem com Pereira no capítulo 9, podemos notar que é um homem acomodado, indiferente às imposições do regime. Ele, inclusive, acredita que os portugueses são, de certa maneira, “inferiores” àqueles da Europa do Norte e que pouco importam a liberdade de expressão e a opinião pública:

Ouçá-me bem, Pereira, disse Silva, você ainda acredita na opinião pública?, pois bem, a opinião pública é um truque inventado pelos anglo-saxões, os ingleses e os americanos, eles é que estão nos esculhambando, desculpe o termo, com essa ideia de opinião pública, nós nunca tivemos o sistema político deles, não temos suas tradições, não sabemos o que são as *trade unions*, somos gente do Sul, Pereira, e obedecemos a quem grita mais alto, a quem manda. (Tabucchi, 1997, p. 64)

Celeste, que anteriormente caracterizamos como uma informante do regime português, é uma mulher de origem simples, que trabalha na portaria do prédio do escritório de Pereira. Representa uma parte da população que apoia com veemência o regime salazarista e que se dispõe a informá-lo de toda possível infração. São pessoas que acreditam em um governo que se interessa pelo bem-estar da população e que estão, portanto, dispostas a sustentá-lo como

puderem. Não é difícil pensarmos em pessoas como Celeste quando recordamos, por exemplo, a Alemanha do Führer e as diversas pessoas dispostas a delatarem judeus escondidos.

Quanto ao segundo grupo de personagens da obra, podemos citar especialmente Monteiro Rossi, Marta, Bruno Rossi, doutor Cardoso e Ingeborb Delgado. Rossi, Marta e Bruno representam a juventude rebelde da época, disposta a arriscar a própria vida pelo futuro de seu país. Diferentemente de seus pais ou avós, os jovens do período não tinham “o que perder”, com exceção de suas vidas. Não possuíam filhos ou bens a proteger e estavam, portanto, dispostos a combater o regime como pudessem. Tanto Rossi quanto Bruno morrem realizando tal tarefa e Marta renuncia a seu bem-estar para continuar a agir contra a ditadura.

O doutor Cardoso, assim como Pereira e Silva, é também um intelectual. Cardoso é consciente da situação política nacional e mundial e é crítico a ela, mas não da mesma maneira que os jovens mencionados anteriormente, já que não o faz publicamente. Combate o regime à sua maneira, cumprindo seu papel de “formador de opinião”, dispondo-se a conversar com seus pacientes a respeito da realidade vivenciada por todos naquele momento, da mesma maneira que fez com Pereira.

Ingeborb Delgado, por fim, representa a parte da população mundial que corre risco de vida não por sua rebeldia, mas simplesmente por sua existência. Sendo ela alemã e judia, não está em Portugal apenas para conhecer suas origens, mas procurando segurança. Ao perceber que também não a encontrará ali, decide procurá-la nos Estados Unidos. Diante do exposto, observamos que todos os personagens da obra, de uma maneira ou de outra, relacionam-se com o regime. Uma leitura do romance que não se atente a isso estaria sujeita a uma extrema simplificação de seu enredo e dialogismo.

De acordo com Barni, e tendo em vista especialmente o protagonista da obra, podemos afirmar que:

[O] enredo nos fala de uma tomada de consciência política, discutindo o papel do intelectual numa sociedade totalitarista (ou em qualquer sociedade) e, portanto, sua atuação diante de um poder violento e prevaricador. (Barni, 2022, n.p.)

Como mencionado anteriormente, assumiremos *Sostiene Pereira* como um romance de formação às avessas. Sendo assim, precisamos ter em mente o significado original do termo cunhado por Johann Karl Simon Morgenstern à obra de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*:

Morgenstern se mostra plenamente consciente de estar usando o termo *Bildungsroman* pela primeira vez na história da literatura: “Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também porque, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance (Mazzari, 2018, p. 5).

Assim como Wilhelm Meister, Pereira se encontra radicalmente transformado ao fim da narrativa. Em grande medida, como destacado anteriormente, isso é fruto de seu contato com os personagens Rossi, Marta e doutor Cardoso, ou seja, é reflexo das relações estabelecidas entre ambas as gerações.

O que diferencia *Sostiene Pereira* de um romance de formação tradicional, entretanto, é que nosso herói é um homem completamente formado em todos os âmbitos de sua vida e que deverá passar por um processo de “desconstrução”, tornando-se, em certa medida, novamente um jovem em processo de aperfeiçoamento.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Procuraremos tratar aqui de algumas questões acerca da mentalidade política e filosófica do contexto histórico representado na obra e caracterizar não apenas Portugal e o ano de 1938, mas um conjunto mais abrangente de regimes fascistas das décadas de 1930 a 1970.

Começamos fazendo uso das palavras de Heinz Heimsoeth em *A filosofia no século XX*:

[O homem moderno] sabe muito bem que tem diante de si uma contemporaneidade que, como a de nenhuma outra geração anterior, terá de ser construída por ele próprio através da sua ação, do seu amor pela vida, do seu sentimento dos valores e do seu poder de crítica: numa palavra, pelo seu querer e pelo seu esforço. Sabe que se encontra colocado perante um presente, enfim, que embora defluído do passado, ele tem por missão ultrapassar e vencer, e que, sendo por definição transitório, se acha carregado de futuro. (Heimsoeth, 1982, p. 127)

Sendo assim, é importante termos em mente que tal mentalidade age neste período para o bem e para o mal. Sabemos hoje que tal visão de mundo levou certos homens (Franco, Salazar, Mussolini e muitos outros) a crerem que era seu dever guiar o povo em direção àquilo que, na visão distorcida de mundo de cada um deles, era o bem maior, e se viam “no direito” de impor suas verdades às populações de seus respectivos países (ou até mesmo do mundo).

Quando pensamos concretamente no caso de Portugal, Bruno Cardoso Reis, em seu texto *Salazar e o Vaticano*, mostra-nos como o ditador português “gostava de colaboradores, não de competidores” (Reis, 2006, p. 58), de modo que estava disposto a atender às exigências da Igreja Católica, desde que não entrassem em conflito com sua autoridade:

A necessidade da extinção do CCP [Centro Católico Português] foi defendida publicamente pelo presidente do Conselho como essencial para a consolidação do regime. Ele representaria para o fundador do Estado Novo uma ameaça latente de manutenção, no campo católico, de uma corrente autónoma e potencialmente rival do seu projecto político (...) No fundo, tratava-se de prudentemente queimar a escada por onde o próprio Salazar tinha subido ao poder. Era também uma questão de princípio: a extinção de todos os partidos. (Reis, 2006, p. 60)

O Estado Novo português constituiu-se em três principais momentos:

[O] primeiro, de 1928 a 1932, foi dominado pelas questões financeiras e económicas; o segundo, de 1932 a 1936, centrou-se nas questões políticas e sociais; o terceiro, de 1936 ao fim da segunda guerra, foi marcado sobretudo por preocupações externas. (Reis, 2006, p. 78)

Neste primeiro momento do governo de Salazar, o ditador ainda se relacionava com outros grandes poderes, como Franco e o Vaticano, mas com certa cautela, já que necessitava de seu apoio político e, em específico, financeiro. No segundo momento, com um estado já bem consolidado materialmente e capaz de fornecer ao seu povo certa comodidade financeira, o foco deteve-se sobre questões de âmbito ideológico, buscando uma maior unanimidade populacional. Por fim, entre os anos de 1936 e 1945, a atenção de Salazar voltou-se à atuação do país em relação às políticas mundiais, especialmente após o início da Segunda Guerra em 1939, com o envio de seus jovens para a defesa do fascismo no além-mar.

Fazia sentido que, numa mente tão ordenada como a de Salazar, a uma política de reforço interno do Estado se seguisse uma política de reforço da sua posição externa. E é realmente essa a melhor chave para perceber a política externa de Salazar a partir de 1936. (Reis, 2006, p. 84)

Observamos, no início do romance de Tabucchi, como se dá esta política externa de Salazar, com o envio de militares da juventude salazarista para a Espanha:

A praça estava enfeitada com festões de papel, com luzinhas coloridas amarelas e verdes, presas em fios pendurados de uma janela à outra. Havia umas mesinhas ao ar livre e alguns casais dançavam. Depois viu uma faixa, pendurada em duas árvores da praça, em que havia uma inscrição enorme: “Salve Francisco Franco”. E abaixo, em letras menores: “Salve os militares portugueses na Espanha”. (Tabucchi, 1997, p. 20)

Não é difícil notar, portanto, como o contexto da narrativa se caracteriza por um governo fascista já bem estruturado internamente, com indivíduos de todas as idades dispostos a apoiá-lo. Sendo assim, nosso protagonista Pereira, contrário ao regime salazarista, deve ser sempre muito cuidadoso ao engajar-se em novas relações dentro deste ambiente fascista.

4. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

José Maurício Domingues, em seu artigo “Gerações, modernidade e subjetividade coletiva”, publicado pela revista *Tempo social* em 2002, detém-se sobre os estudos de Mannheim, e de outros sociólogos que dialogam com ele, acerca das gerações. As pesquisas do sociólogo húngaro serão uma contribuição importante para a nossa análise literária, já que:

Segundo ele [Mannheim], as gerações se punham antes de mais nada como um tipo de coletividade muito proximamente articulada aos processos históricos de mudança social. (Domingues, 2002, p. 69-70)

Em seu texto, Domingues destaca que as gerações se relacionam não apenas entre si, como também com as mais diversas subjetividades coletivas, gêneros, raças e classes que as circundam e/ou compõem (Domingues, 2002, p. 69). É importante que não percamos isso de vista, uma vez que, mesmo que não seja um dos aspectos mais relevantes, isso pode ser observado na obra de Tabucchi através de figuras como a do diretor do Lisboa, que é não apenas homem, como também branco e de classe alta e que, portanto, ocupa uma posição de poder na sociedade da época. Dessa maneira, mesmo que tenhamos a tendência a considerá-lo pertencente à mesma geração de Pereira, isso não é necessariamente verdade, já que um é autoridade e outro subalterno e possuem visões de mundo diversas.

Na sequência, Domingues ressalta que:

Embora isso não seja em momento algum explicitado, parece evidente que ademais as gerações se definem em seu isolamento e autodeterminação, sem que se ponham em questão as relações entre elas. (Domingues, 2002, p. 70)

Podemos inferir que, por mais que Mannheim não negue a existência das relações entre as gerações, o sociólogo não leva tal questão em consideração ao pensar a gênese de cada uma delas, dando maior importância ao seu “isolamento” e “autodeterminação”. Estudiosos posteriores discordam de tal visão e acreditam ser de grande importância para a formação de grupos geracionais a relação estabelecida entre gerações concomitantes.

Partindo deste ponto de vista, Mannheim introduz, dentre outros, o conceito de “unidades de geração”:

Por outro lado, aqueles grupos concretos fundam “unidades de geração” (*Generationseinheiten*), que podem ser múltiplas, e se enraízam em contatos pessoais, espirituais e emocionais, embora possam ulteriormente tornar-se independentes disso. (Domingues, 2002, p. 70)

Sendo assim, o sociólogo parece indicar que, apesar de constituírem-se grupos concretos pertencentes às mais diversas gerações, não é incomum formarem-se espécies de grupos internos, caracterizados por conexões interpessoais específicas. Tais conjuntos de indivíduos, “unidades de geração”, podem ser até mesmo capazes de desvincular-se de seus grupos e gerações naturais.

Pensando-se ainda acerca de características comuns a indivíduos em determinados momentos, Domingues estabelece uma relação entre os conceitos de “memória coletiva”, proposto por Mannheim, e de “habitus”, proposto por Bourdieu:

A eles interessa definir gerações a partir não só de experiências compartilhadas mas também de se organizarem em movimentos coletivos com clara identidade e demarcação, embora sublinhe (ainda apoiando-se em Bordieu) que as gerações se constituem em meio a lutas por recursos escassos, seja no plano material seja no cultural. (Domingues, 2002, p. 71)

As gerações compartilham entre seus membros uma biologia, articulação social, e potencialidades comuns. Definem-se, portanto, pelas relações, experiências, vivências e destinos compartilhados entre si. O sociólogo Michael Corsten, segundo Domingues, chama a nossa atenção especialmente para as experiências coletivas, que seriam responsáveis por construir aquilo que chama de “identidade coletiva”. Dentre tais experiências coletivas, encontra-se, por exemplo, o uso da linguagem próprios de cada geração. Não é difícil notá-lo, já que, frequentemente, ao nos depararmos com as gerações em ascendência, não somos capazes de compreender as gírias e expressões que utilizam, próprias de suas experiências comuns.

Sendo assim, é muito importante destacar que:

“Semânticas históricas” permeiam esses discursos e criam fronteiras entre as gerações, gerando “círculos culturais” de “grupos específicos de idade” que compartilham a “interpretação e a articulação de tópicos” (Corsten, 1999, p. 261-262). (Domingues, 2002, p. 71)

Como mencionado anteriormente, as gerações definem-se, dentre muitos outros aspectos, pelas suas relações. Desse modo, não podemos perder de vista que as gerações coexistem entre si e que, para Corsten (diferentemente de Mannheim), os “processos interativos” entre gerações são de extrema importância para a sua formação. Sendo assim, devemos destacar que, para que possamos chamar um conjunto específico de indivíduos de geração, não basta que compartilhem entre si as características previamente mencionadas, mas que constituam aquilo que os sociólogos chamam de “alto nível de centramento”, ou seja, para que uma geração possa “ser desta forma classificada, deve ser pensada como assumindo forma *plena* somente quando se encontra *ciente* de si mesma” (Domingues, 2002, p. 72).

Tomemos a canção *Geração Coca-Cola*, da banda Legião Urbana, como exemplo. A composição de Renato Russo faz uso de verbos em primeira pessoa do plural para referir-se a um conjunto específico de jovens, que tomam como ponto de partida o período em que vivem para se definir como um conjunto de pessoas político e socio-historicamente definido: “Quando nascemos fomos programados/A receber o que vocês nos empurraram/Com os enlatados dos U.S.A., de nove as seis; Somos os filhos da revolução/Somos burgueses sem religião/Somos o futuro da nação” etc. Chegam até mesmo a se autoproclamar *Geração Coca-Cola*, apropriando-se de uma marca e produto específicos de seu tempo como símbolo característico de sua geração.

Na sequência, o autor destaca a questão dos “estágios de maturação”, apoiando-se em Fortes (1984):

[O] envelhecimento e a passagem de uma idade a outra é um problema que se põe para todas as sociedades. Em particular ele destaca a centralidade disto para a obtenção de direitos e deveres político-jurídicos na sociedade mais ampla. (Domingues, 2002, p. 73)

Sendo assim, Domingues destaca serem de grande importância as questões das “classes etárias” e dos “grupos etários”, as primeiras diretamente relacionadas à maturação e as segundas à idade cronológica. Para exemplificar tais conceitos, podemos pensar que não raramente nos deparamos com alguém que, mesmo tendo uma determinada idade, comporta-se de maneira mais “madura” do que a esperada. Tais “classes”, portanto, não necessariamente encontram-se perfeitamente alinhadas em todos os indivíduos, o que complica uma caracterização definitiva no que diz respeito às gerações.

Nas próximas duas seções do texto, intituladas “Gerações e subjetividade coletiva” e “Gerações e modernidade”, o autor se detém sobre uma análise filosófica acerca das gerações e de suas relações com a subjetividade e a coletividade (termos presentes no título do artigo). Para tal, o autor cita inicialmente os aspectos aos quais devemos nos atentar em relação às gerações:

Com isso, creio que três conjuntos de variáveis analíticas podem ser definidos para a elaboração de uma conceituação ampla e sintética das gerações. Em primeiro lugar a família e as relações de parentesco, que podem ser derivadas mais ou menos diretamente das relações que se traçam no núcleo familiar básico. (...) Em segundo lugar encontramos os coortes – grupos de pessoas nascidas em momentos próximos e que atravessam estágios sucessivos ao mesmo tempo. Para sua definição três elementos são relevantes: a idade biológica, a idade cronológica (quando essa datação se faz presente) e os estágios de maturação. Enfim, em terceiro lugar devemos pôr a experiência vivida e reflexivamente mediada dos indivíduos e coletividades, para a qual as diversas dimensões dos sistemas sociais (...) contribuem decisivamente. (Domingues, 2002, p. 75)

O autor explicita que, apesar da biologia ser um aspecto a se levar em conta quando falamos de gerações, a “construção social das identidades” é igualmente importante. Deve-se também notar que tal conceito torna-se mais fluido em sociedades modernas, de modo que as fronteiras geracionais se tornam menos claras em relação àquelas de sociedades mais conectadas à natureza.

As sociedades modernas encontram-se enveredadas pelos sistemas sociais a que pertencem, de modo que as noções de “estágios de vida” se relacionam diretamente com as concepções próprias aos povos em questão. Sendo assim, o autor faz menção aos rituais de passagem entre períodos específicos da vida dos indivíduos em suas determinadas sociedades. Podemos pensar, por exemplo, em alguns grandes “marcos” da vida de uma pessoa, de acordo com nosso contexto sociocultural: 15 anos, 18, 21, 50 etc.

As gerações, continua Domingues, se caracterizam por ainda outros aspectos, como gênero, raça e classe, todos consequências diretas do Estado em questão, que busca “pela produção da legislação que normatiza muitos aspectos da vida das diversas gerações” (Domingues, 2002, p. 79). Por isso que, por exemplo, os 18 anos são um grande marco em diversos países, como o Brasil, já que são responsáveis por tornarem todo cidadão um “maior de idade” por lei.

Além disso, destaca Domingues

Com frequência no caso das gerações os “adultos” ou mesmo os “velhos”, por razões institucionais e culturais, possuem mais poder dentro de um grande número de sociedades e em parte em função disso são capazes de mobilizar recursos externos, para além das vantagens proporcionadas por sua constituição material e hermenêutica. (Domingues, 2002, p. 80)

Tal questão é de grande importância, quando pensamos em *Sostiene Pereira*. Na relação estabelecida entre o protagonista e Rossi, Pereira é aquele em posição de autoridade, mas o jovem revolucionário é capaz de fazer com que o jornalista repense o modo como atua em sua posição e, ao final do romance, observamos Pereira fazer uso de sua autoridade para agir contra o regime.

É também importante o destaque que faz Domingues ao fato que as gerações não se desenvolvem em um “vazio do espaço”, mas “em espaços concretos, dos quais o tempo é uma variável” (Domingues, 2002, p. 81). No nosso caso específico, damos especial atenção ao Portugal dos anos 1930, país que se encontra em profunda relação com todos os outros países fascistas das décadas de 1930 a 1970, concretamente Espanha e Alemanha.

Por fim, damos também especial atenção à seguinte questão:

Dois fenômenos etários têm chamado em particular a atenção dos pesquisadores mais recentemente: a juventude (cf. Melucci, 1996b, cap. 6; Vianna, 1997), por bastante tempo fenômeno inclusive com foros de exclusividade; e a “Terceira Idade”, que agora atrai os holofotes sobremaneira, em parte devido mesmo ao aumento significativo da expectativa de vida nas sociedades modernas (cf. Featherstone; Wernick, 1995; Debert, 1999). (Domingues, 2002, p. 85)

Não podemos perder de vista que estamos atentos a estes dois grupos em *Sostiene Pereira*, com a juventude representada por personagens como Rossi e Marta, e a “Terceira Idade” (mesmo que sejam, em sua maioria, indivíduos que estão ainda passando pela transição da meia idade para essa e que, portanto, encontram-se inseridos no mercado de trabalho) por personagens como Pereira, Silva e Celeste.

5. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ESTABELECIDAS NO ROMANCE

Sostiene Pereira possui como protagonista Pereira, um jornalista português de meia idade, viúvo, católico (embora se considere herético por não crer na ressurreição da carne) e doente do coração. Ao ler um artigo sobre a tese de um estudante de Filosofia da Universidade de Lisboa, chamado Monteiro Rossi, que refletia sobre a morte, nosso protagonista procura entrar em contato com tal estudante, a fim de entender um pouco mais sobre a morte, que tanto o assusta.

Os dois, rapidamente, se conhecem e o jovem acaba por revelar ao protagonista que sua tese é, na realidade, um “copia e cola” de diversos outros filósofos e que da morte não entende tanto quanto possa haver feito parecer. Apesar de tal revelação, Pereira sente-se estranhamente atraído por Monteiro Rossi e se propõe a contratá-lo como seu aprendiz no jornal *Lisboa*, a tarefa do jovem seria aquela de escrever obituários antecipados para escritores que poderiam vir a falecer.

Logo, o protagonista percebe que aquilo que escreve Rossi é simplesmente “impublicável”, pois o jovem tende a escolher personalidades polêmicas para seus obituários e artigos, de modo que tais textos viriam a ser, com toda a certeza, censurados pelo regime. Porém, isso instiga Pereira, que continua a financiar o jovem do seu próprio bolso, mesmo não podendo publicar nenhum de seus textos. Podemos logo notar, portanto, como o contato do protagonista com o jovem acaba por revelar-lhe uma outra faceta sua, que se incomoda profundamente com a situação política que vivencia.

É possível, portanto, exercer uma relação entre a ideia de Corsten relativa aos “processos interativos” entre as gerações com o romance *Sostiene Pereira*. Primeiramente, é importante destacar como Pereira e Rossi observam diversamente o mundo em que vivem:

Olhou à sua volta, mas não viu nenhum literato, afirma. Os literatos estão todos fora da cidade, disse para quebrar o silêncio, talvez estejam de férias, uns na praia, outros no campo, só nós ficamos aqui. Talvez estejam simplesmente em suas casas, respondeu Monteiro Rossi, não devem estar com muita vontade de sair por aí, nos tempos que correm. (Tabucchi, 1997, p. 43)

Rossi apresenta uma visão de mundo muito mais realista em relação àquela de Pereira. Nosso protagonista parece esquecer-se muitas vezes do contexto em que vive, é como se esquecesse que o mundo agora é diferente e, quando se lembra desse fato, é algo que o entristece profundamente. Rossi, por outro lado, por não ter tido a oportunidade de viver a mesma liberdade que Pereira ao longo de sua vida, não se deixa paralisar por esta realização. Muito pelo contrário, as dificuldades parecem fortalecer Rossi em seus ideais.

O narrador dirige muitas vezes nosso olhar para a diferença entre jovens e velhos, por exemplo:

Pensou que o doutor Costa, mesmo sendo um velho conhecido seu, nunca lhe teria feito perguntas tão pessoais e reservadas; evidentemente, os jovens médicos que estudaram em Paris eram mesmo diferentes. (Tabucchi, 1997, p. 115)

Neste caso, podemos notar, ao longo do romance, como o doutor Cardoso, um daqueles jovens personagens que mencionamos anteriormente, é consciente da situação política nacional e mundial e muito crítico à mesma. Neste sentido, Domingues ressalta em seu artigo *Gerações, modernidade e subjetividade coletiva*, que “[g]erações são centrais para a mudança social, sem consistirem em um princípio de organização que possa ser em si e por si tomado para

explicá-la” (Domingues, 2002, p. 82). Justamente por isso, acreditamos ser muito produtiva uma pesquisa como essa, que procura analisar como as relações intergeracionais podem possuir um importante papel em mudanças individuais e sociais.

Por fim, podemos observar, no trecho do romance “Isso fez com que se sentisse melhor, afirma, porque pensou que no fundo era um dos mais novos, e ficou feliz por não ser tão velho, afinal” (Tabucchi, 1997, p. 119), como Pereira almeja para si tal juventude, tal maneira de ver e encarar o mundo. Tal desejo o levará a ousar cada vez mais e mais em suas publicações no jornal e em sua vida pessoal, até o momento culminante da narrativa, em que deverá deixar o país para garantir sua segurança.

Tendo isso em mente, o termo “romance de formação às avessas”, cunhado por Barni, se mostra cada vez mais evidente, uma vez que nosso protagonista passa por “longos processos de autorreflexão e autoteste permanente, com o objetivo de um desenvolvimento harmonioso da personalidade” (Eggensperger, 2023, p. 383). O que o diferencia de um típico *bildungsroman* é que, como sabemos, Pereira já passou previamente por esse processo e que deve agora desconstruir-se para percorrê-lo novamente.

Podemos também nos questionar se “a conflituosa procura de si mesmo” o leva de fato “a uma relação mais equilibrada com o mundo” (Eggensperger, 2023, p. 381), como se esperaria de um tradicional romance de formação. Lendo a obra, não é difícil notar que a relação de Pereira com seu mundo era muito menos conflituosa antes do seu processo de transformação pessoal do que depois dele.

6. CONCLUSÃO

Começamos este artigo com uma análise geral do romance, para sermos então capazes de contextualizá-la historicamente, tanto no que se refere à publicação do livro, quanto ao que toca a narrativa, dando especial destaque aos fascismos das décadas de 1930 a 1970. Na sequência, repassamos a teoria acerca das gerações e das relações exercidas entre elas, para sermos então capazes de analisar como se desenrolam as relações intergeracionais apresentadas na narrativa e a sua relação direta com a construção dos personagens e da trama do romance.

Tendo em mente o conceito de romance de formação, chegamos também à conclusão de que, como mencionado anteriormente, neste romance de formação às avessas, Pereira muda, depois de adulto, radicalmente suas atuações sociais e políticas, graças à influência de Rossi, Marta e doutor Cardoso. Sendo assim, não é difícil notarmos como as relações estabelecidas entre ambas as gerações são responsáveis pela transformação de nosso protagonista em indivíduo politicamente ativo e revolucionário.

REFERÊNCIAS

BARNI, Roberta. *Afirma Pereira*. *Blog A terra é redonda*, 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/afirma-pereira/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo social*, [S. l.], v. 14, n. 1, pp. 67-89, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702002000100004>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12374>. Acesso em: 23 jun. 2024.

EGGENSPERGER, Klaus. Romance de formação: as múltiplas variações de um gênero. *Estudos avançados*, v. 37 n. 107, pp. 381-385, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.025>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/219597/200434>. Acesso em: 23 jun. 2024.

HEIMSOETH, Heinz. *Afilosofia no século XX*. Coimbra: Almedina, 1982. Tradução: Cabral de Moncada.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Editorial. *Literatura e sociedade*, v. 23 n. 27, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i27p5-8>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/issue/view/10760>. Acesso em: 23 jun. 2024.

REIS, Bruno Cardoso. *Salazar e o Vaticano*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

TABUCCHI, Antonio. *Sostiene Pereira*. Una testimonianza. Milano: Feltrinelli, set. 1997.

TABUCCHI, Antonio. *Afirma Pereira*. Porto Alegre: TAG, 2020. Tradução: Roberta Barni.